

## Discurso de transmissão do cargo de Presidente do Tribunal de Contas

### Conselheiro Fernando José de Melo Correia

O conselheiro Fernando Correia, após permanecer por dois mandatos consecutivos como presidente do Tribunal de Contas, passa o cargo para o conselheiro Adalberto Farias, afirmando o seguinte: "Honrosa foi a missão que exerci e imensa a experiência que adquiri nesta Corte de Contas". O conselheiro Fernando Correia agradeceu a colaboração de todos os dirigentes e funcionários do Tribunal, lembrando ter a certeza de que os conselheiros eleitos, Adalberto Farias, Severino Otávio Raposo Monteiro e Honório Rocha, com as experiências e qualidades que possuem, "farão um trabalho proff-cuo e eficiente".

**A** pós permanecer na Presidência deste Tribunal de Contas por dois mandatos consecutivos, eleito unanimemente pela boa vontade e compreensão dos meus pares, sinto-me no dever de proferir algumas palavras.

Sem dúvida, honrosa foi a missão que exerci e imensa a experiência que adquiri ao dirigir esta Corte de Contas. Procurei exercer a Presidência democraticamente e humildemente. Os êxitos obtidos credito-os aos colegas Conselheiros e aos Servidores desta Casa e os insucessos assumo-os.

O ano de 1991 foi de enormes dificuldades e desafios para o administrador público. Convivemos, no plano interno, com o binômio inflação e estagnação econômica e, no plano internacional, de um lado com a falência do modelo socialista preconizado pelo leste europeu e, do outro, com a crise econômica que alcança a maior potência do mundo capitalista: os Estados Unidos. Nova correlação de forças surgirá. É imperiosa para a manutenção da paz mundial. Recordo-me da Conferência de Imprensa realizada pelo General De Gaulle, em 1967. Naquela oportunidade dizia o eminente estadista francês: pior do que a hegemonia de duas potências é a hegemonia de uma única potência.

As dificuldades perduram no ano que se inicia, eis que as causas permanecem. A concentração de renda aumenta e, em sua esteira, a marginalização, cada vez maior, de nossa população. A penalização que vem sofrendo os Estados mais pobres de nossa Federação é manifesta. Exemplo mais recente foi a rolagem das dívidas dos Estados. Mais um instrumento da política concentradora de renda. Repito, nesta oportunidade, não existe uma questão nordestina mas uma questão nacional.

A fragilidade de nossas instituições é latente. Os nossos subsistemas, tais como Partidos Políticos, Sindicatos, Associações Patronais, Igrejas, etc. também se acham mergulhados em crise. Há, portanto, um desfuncionamento do sistema e dos subsistemas na sociedade brasileira.

A sociedade assiste perplexa diariamente, através dos meios de comunicação, denúncias e mais denúncias de corrupção e clama pela moralidade administrativa. O homem público no Brasil de hoje não tem mais o dever de ser apenas honesto mas de provar que é honesto.

Diante de tudo, enorme é a responsabilidade das Cortes de Contas, neste momento histórico em que vivemos. Pesado é o seu fardo.

Grande é o desafio.

Recordo-me dos Salmos, ou de aresto no Livro Segundo: “Perverteram-se (os homens), cometeram ações abomináveis; não há quem faça o bem. Deus olhou o céu sobre os filhos dos homens, para ver se há quem tenha senso e busque a Deus. Todos juntamente se transviaram, se perverteram; não há quem faça o bem, não há sequer um só. Porventura não cairão em si os que praticam a iniquidade, os que devoram o meu povo como quem come pão, que não invocam a Deus?”

Diante desse quadro, somente nos foi possível administrar devido a forte colaboração dos Conselheiros, Procurador Geral, Auditor Geral e demais Servidores da Casa.

Lembro-me quando da minha posse no segundo mandato. Naquela oportunidade dizia o Conselheiro Antônio Corrêa de Oliveira: “Dirigir é antes de tudo um ato de repartir. Repartir para exigir responsabilidades”. Dizia ainda o eminente Conselheiro que dois desafios se apresentavam diante de nós. Primeiro, o Congresso dos TCs do Brasil, a ocorrer após a vigência das novas cartas magnas estaduais e o de que se espera o debate de teses em busca do aprimoramento, da correta adequação legislativa para um País que, alicerçado no direito, deve ser profundamente humano e democrático. Outro, o preenchimento dos cargos existentes através de concurso, possibilitando mais dinamismo no trabalho cotidiano de fiscalizar”.

Procurando repartir ao administrar me foi possível responder ao duplo desafio. A realização do Concurso Público foi concretizada devido ao trabalho diuturno dos Conselheiros Adalberto Farias e Carlos Porto. O êxito do

Congresso se deve, sobretudo, aos esforços desenvolvidos pelos Conselheiros Antônio Corrêa de Oliveira e Honório Rocha. A aprovação da nossa Lei Orgânica, adequando o Tribunal às novas responsabilidades constitucionais, também se tornou possível face ao imenso trabalho desenvolvido pelo Conselheiro Ruy Lins em sua elaboração e grande compreensão da Assembléia Legislativa e do Chefe do Executivo Estadual. A continuidade do trabalho para informatização do Tribunal teve no Conselheiro Severino Otávio Raposo o seu grande baluarte. O terceiro número da nossa Revista foi possível circular graças aos esforços de Vanja Carneiro Campos, Ana Lúcia Campos e Ana Camelo, além, evidentemente, dos articulistas.

Sinto-me feliz, neste momento, sobretudo por assumir um Tribunal unido e deixar agora a sua Presidência, mantida a mesma união de antes. Para mim é o dado mais gratificante.

Tenho certeza de que os Conselheiros eleitos, Adalberto Farias, Severino Otávio Raposo e Honório Rocha, com suas experiências e qualidades que possuem, farão uma administração profícua e eficiente. Qualidades para tanto não lhes faltam.

Iniciei as minhas palavras invocando um texto bíblico e as concluo indo buscar ensinamentos no mesmo texto, desta vez no Livro de Jó que, respondendo Sofar de Namat, disse: “Por isso me vêm pensamentos, e o meu espírito é arrebatado para diversas reflexões. Ouvirei a doutrina com que me argües, e o espírito da minha inteligência responderá por mim. Uma coisa sei, e é que desde o princípio, desde que o homem foi posto sobre a terra, é breve a glória dos ímpios, e a alegria do hipócrita dura um momento”.